



Universidade Federal de Santa Catarina - Centro Tecnológico
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

ARQ 1001 – Metodologia Científica Aplicada

Professora Sônia Afonso

Trimestre: 2012/3

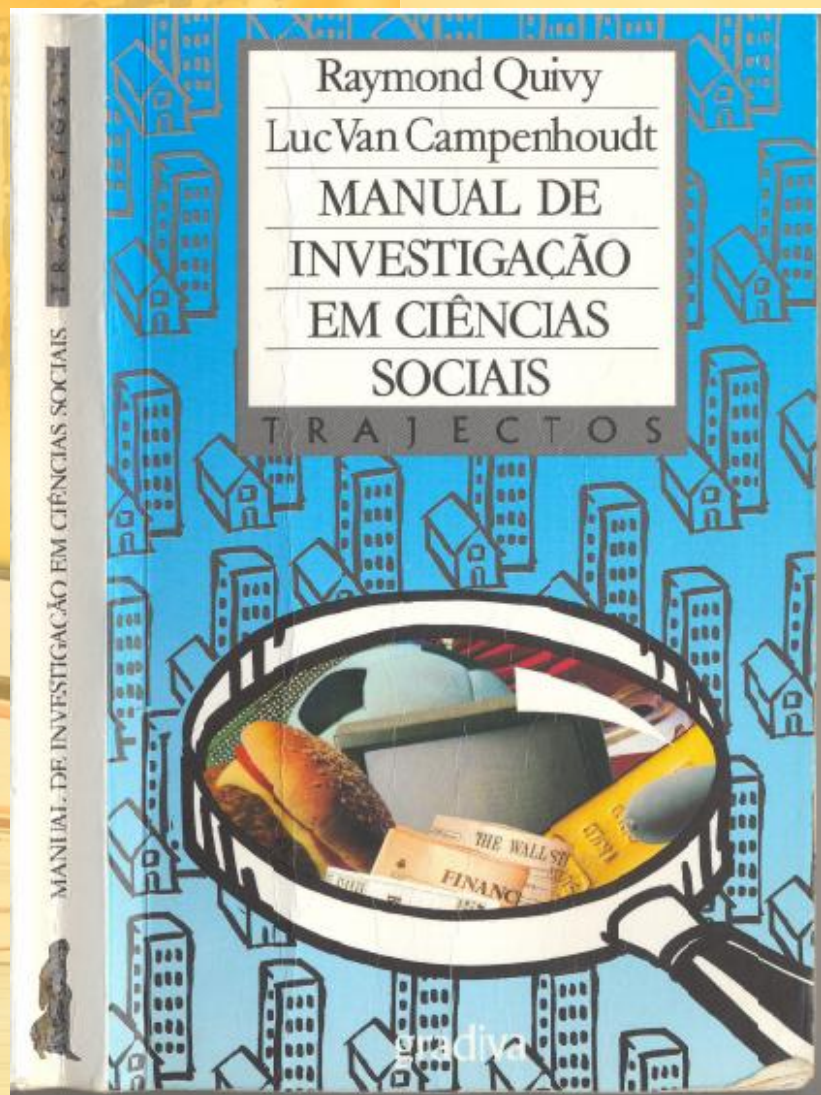
Grupo: Carine Pacheco, Cíntia Andreis, Guilherme Barea, Lúcia Santos e Raquel Weiss.

Manual de Investigação em Ciências Sociais

Páginas 120 a 185

Raymond Quivy

Luc Van Campenhoutt



Raymond Quivy doutor em Ciências Políticas pela Universidade Católica de Lovaina (UCL) e professor da Faculdade Universitária Católica de Mons onde ensina Metodologia da Investigação em Ciências Sociais.

Luc Van Campenhoutt sociólogo belga, diretor do Centro de Estudos Sociológicos Universidade Faculdades de Saint-Louis (Bruxelas) e professor da Faculdades Universitaires Saint-Louis e da Universidade de Louvain. Trabalha com assuntos ligados à criminalidade e insegurança. Também atua como diretor do O Jornal de Notícias.

3. Como proceder concretamente?

Elaboração de um modelo de análise

Cada investigação é uma experiência única, que utiliza caminhos próprios, determinados a partir de vários **critérios**:

- **Interrogação de partida**: determinar novamente a pergunta central da investigação para garantir uma estruturação coerente das hipóteses
- **Formação do investigador**
- **Meios de que dispõe**: importância da qualidade do trabalho exploratório: determina a disponibilidade de dados já estudados por outros pesquisadores, que ajudarão na elaboração do modelo de análise
- **Contexto institucional em que se insere o trabalho**

Durante a exploração do trabalho surgem os **conceitos chave** e as **hipóteses importantes**.

Para a construção do modelo de análise, o investigador pode dar maior importância às hipóteses, tratando os conceitos como secundários, ou o contrário.

3. Como proceder concretamente?

3.1 A construção dos conceitos

A **conceitualização** é uma construção abstrata que tem como finalidade dar conta do real. A construção do conceito é, portanto, uma seleção dos aspectos que exprimem a realidade, do ponto de vista do investigador.

Determinação de um conceito:

a) Determinar as dimensões que o constituem para a percepção do real.

▪ **Exemplo:** os conceitos “triângulo” e “retângulo” denotam realidades em 2D – superfícies; enquanto que “cubo” e “esfera” remetem à realidade em 3D – volume



b) Determinar os indicadores para a medição das dimensões do conceito

Indicadores: papel de conduzir ao real; são manifestações objetivamente observáveis e mensuráveis.

Exemplo: cabelos brancos e pele enrugada são indicadores do conceito velhice. Data de nascimento também, ainda mais preciso que o anterior.

3. Como proceder concretamente?

Construção de um conceito:

a) Conceitos operatórios isolados – maneira indutiva

Análise empírica, observação direta ou informações reunidas por outros

a) Conceitos Sistemáticos – maneira dedutiva

Não se baseia na experiência, mas no raciocínio abstrato, na lógica das relações entre os elementos de um sistema, sendo menos vulnerável aos preconceitos.

Articula-se geralmente a outro pensamento mais geral, o paradigma.

Exemplo: conceito de ator social



O conceito de ator social compreende duas **dimensões**:

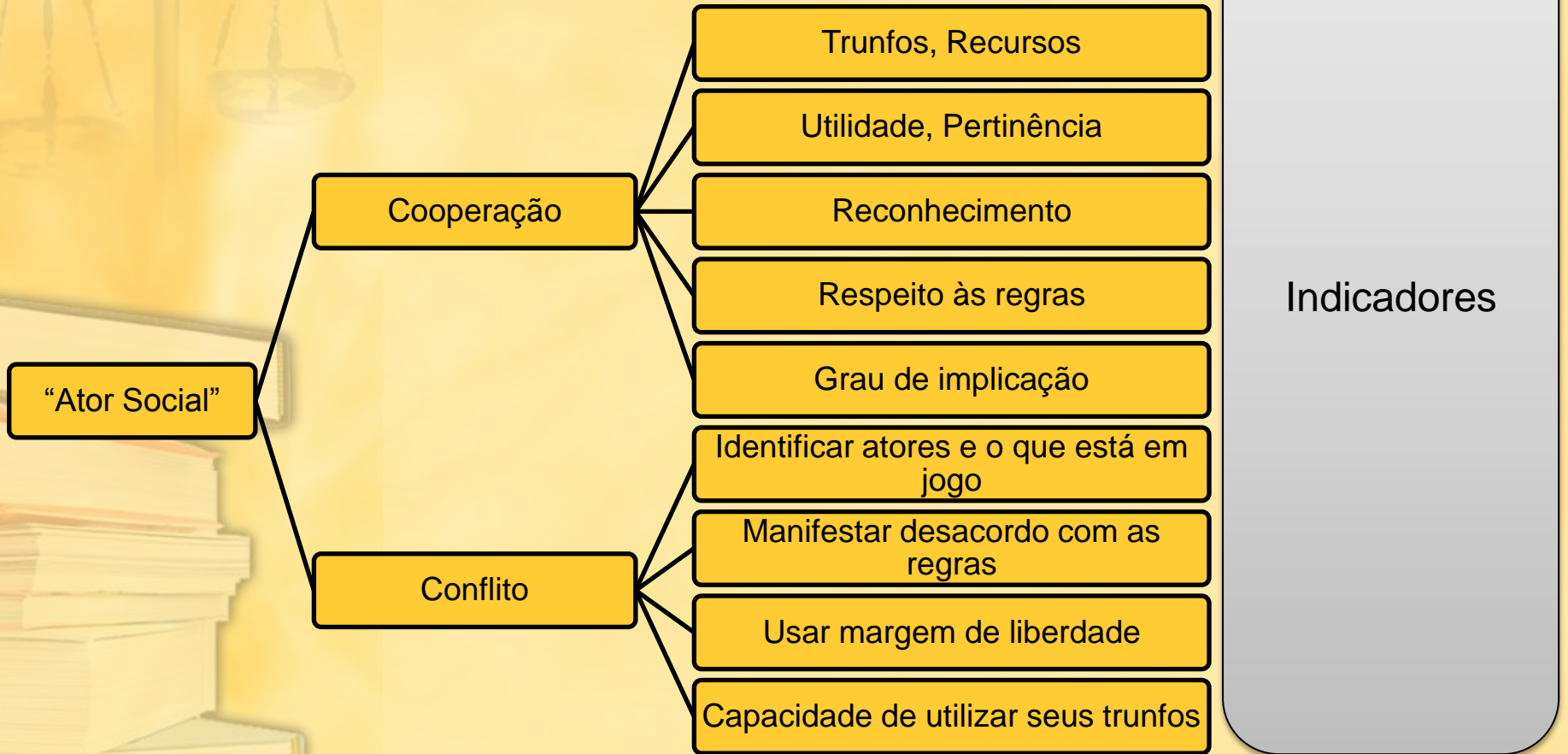
- a) **Cooperação:** relação de troca durante um determinado período, onde há desigualdade entre as partes (exemplo: um operário tem menos a oferecer na troca do que um técnico especializado).
- b) **Conflito:** é o processo onde cada ator tenta melhorar seu domínio, assegurando a cooperação necessária. As regras que regulam as trocas favorecem quem possui os melhores trunfos, o que gera conflito em toda cooperação.

3. Como proceder concretamente?

Conceito

Dimensões

Componentes



3. Como proceder concretamente?

Conceitos Sistêmicos, Conceitos Operatórios Isolados e Pré-noções

Conceitos sistêmicos e operatórios isolados se distinguem por:

- método de construção
- grau de ruptura com as pré-noções

Resumindo:

- **Conceito Operatório** – **indutivo**: baseado na análise empírica → duplamente vulnerável
- **Conceito Sistêmico** – **dedutivo**: raciocínio a partir de paradigmas, e através de deduções, isola as dimensões, os componentes e os indicadores (que é consequência de um raciocínio anterior).

Ambos os métodos para a construção do conceito acarreta uma **seleção do real**. O problema reside, portanto, **na qualidade desta seleção**.

3. Como proceder concretamente?

3.1 A construção das hipóteses

Uma hipótese é uma proposição que prevê uma relação entre dois termos: **conceitos ou fenômenos.**

a) As diferentes formas de hipóteses

- Apresenta-se como a **antecipação** de uma relação entre um **fenômeno** e um **conceito** capaz de o explicar.
- A hipótese apresenta-se como a **antecipação** de uma relação entre **dois conceitos**. Logo, entre os **dois tipos de fenômenos relacionados**.

Ex: agitação estudantil e do domínio social

Agitação estudantil (fenômeno)

Conceito do movimento social (modelo)

A construção de um conceito se apresenta já como a formulação implícita de uma hipótese.

Ex: taxa de suicídio e sociedade

Taxa de suicídio depende (conceito-fenômeno)

do grau de coesão da sociedade (conceito-fenômeno)

3. Como proceder concretamente?

3.1 A construção das hipóteses

Formulação da hipótese

- Deve indicar, direta ou indiretamente, as **observações** a serem feitas.
- Deve analisar as relações entre as **observações**.

A hipótese se confirma ou não.

**VERIFICAÇÃO
EMPÍRICA**

b) Hipóteses e modelos

Conceito	Hipótese	Modelo
sistémico	teórica ou deduzida	teórico
operatório	induzida ou empírica	mimético

➤ Poder explicativo.

➤ Modelo puramente descritivo.

Figura 1- Modelo de Pierre Bourdieu

3. Como proceder concretamente?

3.1 A construção das hipóteses

b) Hipóteses e modelos

1ª Construção de hipóteses e modelos induzidos

A hipótese frequentemente é apenas uma resposta parcial do problema.

Vários conceitos

Várias hipóteses

A construção do modelo de análise implica em um sistema de relações e este construído de forma racional ou lógica.

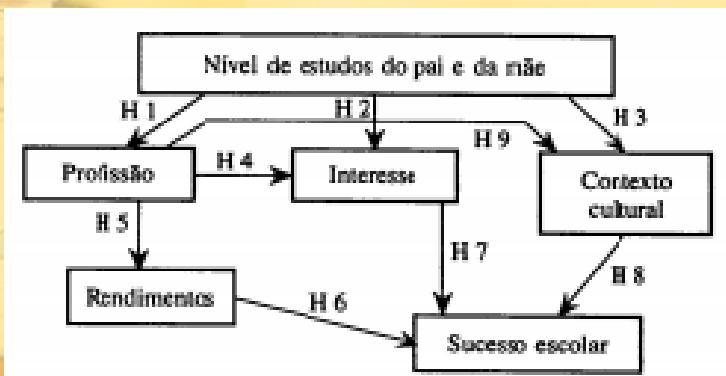


Figura 2- Sistema de relações

Construir um sistema de relações (modelo) é mais esclarecedor do que analisar uma única variável. .

3. Como proceder concretamente?

3.1 A construção das hipóteses

b) Hipóteses e modelos

2ª A construção de hipóteses por dedução

(A partir da problemática se formulam as hipóteses e o modelo de análise..)



É a formação metodológica que se articula com a formação teórica que constitui o substrato do trabalho de investigação.

Método hipotético-indutivo	Método hipotético-dedutivo
A construção parte da observação. O indicador é de natureza empírica. A partir dele constroem-se novos conceitos, novas hipóteses e, conseqüentemente, o modelo que será submetido ao teste dos factos.	A construção parte de um postulado ou conceito postulado como modelo de interpretação do fenómeno estudado. Este modelo gera, através de um trabalho lógico, hipóteses, conceitos e indicadores para os quais se terão de procurar correspondentes no real.

- Primeiros passos= método hipotético-indutivo
- Esclarecimentos dos primeiros passos= método hipotético-dedutivo

Os dois métodos se articulam.

3. Como proceder concretamente?

3.1 A construção das hipóteses

c) O critério de refutibilidade da hipótese

Hipótese pode ser testada quando existe uma possibilidade de decidir, a partir da análise de dados, em que medida é verdadeira ou falsa.

Mesmo confirmada uma hipótese.



Trabalho empírico

Não pode ser considerada absoluta e definitivamente verdadeira

“A complexidade e a mutabilidade do real são tão grandes como a imprecisão e a rigidez dos métodos de investigação destinados a compreendê-los melhor. Só o podemos ir apreendendo cada vez melhor através de tentativas sucessivas e imperfeitas, que devem ser constantemente corrigidas. Neste sentido, um progresso do conhecimento nunca é mais do que uma vitória parcial e efêmera sobre a ignorância humana” (p. 147).

A veracidade da hipótese sempre está em jogo.

3. Como proceder concretamente?

3.1 A construção das hipóteses

c) O critério de refutibilidade da hipótese

1ª Condição

- Caráter de generalidade.
- Os fenômenos que não são produzíveis não têm significado para a ciência.

2ª Condição

- Admitir enunciados contrários que sejam teoricamente susceptíveis de verificação.

Quinta Etapa – A Observação

“A **OBSERVAÇÃO** engloba o conjunto das operações através das quais o modelo de análise |hipóteses + conceitos| é submetido ao teste dos fatos e confrontado com dados observáveis.” (p.155)

1. Observar o que?

|A definição dos dados pertinentes|

Para testar a hipótese, é necessário obter **DADOS** definidos pelos indicadores;



DADOS RELATIVOS

| não só a uma simples variável
mas sim a vários indicadores desta variável |

Estes dados relativos podem resultar em dados excedentários; é necessário definir **DADOS PERTINENTES** |úteis à verificação das hipóteses|.



Quinta Etapa – A Observação

2. Observar em quem?

| O campo de análise e a seleção das unidades de observação |

2.1. O campo de análise

Além de reconhecer os tipos de dados que deverão ser recolhidos, é necessário inserir o campo das análises empíricas no espaço | **geográfico e social** | e no tempo.

Neste respeito, apresentam-se duas situações:

PRIMEIRA: o trabalho tem por **objeto** um fenômeno ou acontecimento particular.



| define, de fato, os limites da análise |

SEGUNDA: o investigador foca em processos sociais e não mais em fenômenos particulares.

PRAZOS + RECURSOS + CONTATOS + INFORMAÇÃO **≠** PROJETO AMPLO

Quinta Etapa – A Observação

2. Observar em quem?

2.2. A amostra

Em suma, é o conjunto de **comportamentos, estruturas e sistemas** em função dos **objetivos da investigação**; não é apenas uma sondagem de opiniões.

Após definir o campo de análise, o investigador depara-se com três possibilidades:

Primeira possibilidade: estudar a totalidade da produção

- Não há necessidade de informações precisas sobre o comportamento das unidades que compõem a população;
- Bastam apenas dados globais disponíveis em estatísticas;
- Quando a população é reduzida, pode ser integralmente estudada.

Quinta Etapa – A Observação

2. Observar em quem?

2.2. A amostra (continuação)

Segunda possibilidade: estudar uma amostra representativa da população

- Quando a população é muito volumosa e é preciso recolher muitos dados para cada indivíduo ou unidade;
- Quando é importante recolher uma imagem condizente com aquela que seria obtida interrogando o conjunto da população.

Terceira possibilidade: estudar componentes não estritamente representativas, mas características da população

- Definitivamente, a fórmula mais frequente, pois estuda diferentes formas para atingir comparações significativas;
- O investigador deve diversificar sistematicamente o perfil da população a ponto de atingir o critério da redundância.

3. Observar como?

OS INSTRUMENTOS DE OBSERVAÇÃO E A RECOLHA DOS DADOS

3.1 A elaboração dos instrumentos de observação

“Construção de um instrumento capaz de recolher ou de produzir a informação prescrita pelos indicadores. Esta operação apresenta-se de diferentes formas, consoante se trate de uma observação directa ou indirecta.” (p.163)

a) A observação directa e a observação indirecta

Observação directa

O próprio investigador procede directamente à recolha das informações

Sem se dirigir aos sujeitos interessados

Observação indirecta

O investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada.

O sujeito intervém na produção da informação.

Questionário

3. Observar como?

OS INSTRUMENTOS DE OBSERVAÇÃO E A RECOLHA DOS DADOS

OBSERVAÇÃO ← reúne → INDICADORES

Questionário

“Conjunto de perguntas que cobrem todos os indicadores de todos os conceitos aplicados pelas hipóteses. Cada pergunta corresponde a um indicador e tem como função produzir, com a sua resposta, a informação necessária.” (p.164)

b) Primeiro exemplo: o fenômeno religioso

Hipótese: “os jovens católicos de 16 a 20 anos são menos religiosos do que os seus avós.”

Para medir esta hipótese ao teste dos fatos é preciso medir o grau de religiosidade de ambos.

3. Observar como?

OS INSTRUMENTOS DE OBSERVAÇÃO E A RECOLHA DOS DADOS

“Será preciso redigir perguntas para todos os indicadores de uma componente?”

1 “Não é, por isso, muito sensato pegar em alguns indicadores ao acaso e transformá-los em perguntas. Pelo contrário, há que encontrar uma série de indicadores que representem os diversos níveis que desejamos detectar na progressão do desvio. É até desejável ter vários indicadores para cada nível. Assim, o ideal é **obter, para cada uma das componentes, uma série de indicadores** que marcam níveis do desvio e fazer-lhes corresponder uma progressão.(p.169)

LEVA A GRANDES QUESTIONÁRIOS COM ALGUMAS PERGUNTAS CONSTRANGEDORAS

RECUSA EM RESPONDER

“As perguntas deverão incidir sobre factos materiais (actos ou comportamentos) ou sobre atitudes e opiniões?”

Para contornar este obstáculo utilizam-se **perguntas indiretas**. “pede-se aos inquiridos que **exprimam a sua atitude** em relação a comportamentos de desvio ou a pessoas que cometam estes atos de desvio.”(p.170)

2

3. Observar como?

OS INSTRUMENTOS DE OBSERVAÇÃO E A RECOLHA DOS DADOS

“quando dispomos de indicadores que assinalam uma progressão no desvio, esta não deve parecer na apresentação das perguntas. A ordem das proposições deve ser diferente da da progressão. Além disso, **a formulação das perguntas deve ser concebida para obter uma informação adequada e não ambígua.**” (p.171)

As informações obtidas tem que se apresentar sob uma forma que se preste às operações da análise estatística.

Testar previamente o questionário junto de um pequeno número de indivíduos pertencentes às diversas categorias do público a que diz respeito o estudo, mas, se possível, diferentes dos que foram incluídos na amostra. **Este teste prévio permite muitas vezes detectar as questões deficientes, os esquecimentos, as ambiguidades e todos os problemas que as respostas levantam.**

3. Observar como?

OS INSTRUMENTOS DE OBSERVAÇÃO E A RECOLHA DOS DADOS

3.1 A elaboração dos instrumentos de observação

c) Segundo exemplo: os executivos como actor social da empresa

“O indicador não evoca aqui directamente um facto particular e preciso, como acontece no estudo do fenómeno religioso; é uma categoria teórica que define as propriedades que os fatos devem ter para serem aceites como indicadores.” (p. 173)

Por isso, antes de elaborar o instrumento de observação deve-se passar por uma operação prévia: **o pré-inquérito.**

Tem a função de nos revelar indicadores e de nos orientar na escolha do instrumento de observação.

3. Observar como?

3.1 A elaboração dos instrumentos de observação

PERGUNTAS

É bom ter a informação com a maior precisão possível

Não basta perguntar **Que línguas conhece além da sua?**
É útil pedir o **grau de conhecimento** (ler, ouvir, falar, redigir)

“É na altura em que se formulam as perguntas e o questionário que é preciso prever a utilização que vai fazer-se das respostas e (...) a forma que deve assumir a resposta para que a informação possa ser corretamente tratada na análise de dados” (p.177)

Abertas

X

Fechadas

X

Múltipla Escolha

Levar em conta o conjunto de todas as respostas possíveis

3. Observar como?

3.2 As três operações da observação

a) Conceber o instrumento de observação

1ª operação >

Conceber um instrumento capaz de produzir todas as informações adequadas e necessárias **para testar as hipóteses**

Questionário ou Formulário de Entrevista

- ✓ Sua elaboração requer, as vezes, um pré-inquérito como complemento da fase exploratória.
- ✓ Para que seja capaz de produzir informação adequada deverá conter perguntas precisas sobre cada um dos indicadores previamente definidos.

3. Observar como?

3.2 As três operações da observação

b) Testar o instrumento de observação

2ª operação >

Testar as perguntas, apresentando-as a um **pequeno número de pessoas** pertencentes a **diferentes categorias da amostra**.

Questionário

X

Formulário de Entrevista

Lido e preenchido pela
pessoa interrogada

Fica nas mãos do
entrevistador

É importante que as perguntas sejam claras e precisas (formuladas de forma que todas as pessoas interrogadas as interpretem da mesma maneira)

É também necessário que a pessoa interrogada esteja em condições de dar a resposta (que a conheça e não esteja constrangida ou inclinada a escondê-la)

3. Observar como?

3.2 As três operações da observação

c) A coleta dos dados

3ª operação >

Recolher ou reunir concretamente as **informações** determinadas junto a **amostra**.

Não basta conceber um bom instrumento, é preciso ainda pô-lo em prática de forma a obter-se uma proporção de respostas suficiente para que a análise seja válida

As pessoas nem sempre estão dispostas a responder



O investigador deve convencer o seu interlocutor

3. Observar como?

3.2 As três operações da observação

“A escolha do instrumento de observação e a coleta dos dados devem inscrever-se no conjunto dos objetivos e do dispositivo metodológico da investigação” (p.184)

“A escolha dos métodos de coleta dos dados influencia os resultados do trabalho (...) Os métodos de coleta e os métodos de análise dos dados são normalmente complementares e devem ser escolhidos em conjunto, em função dos objetivos e das hipóteses de trabalho” (p.185)

“As perguntas que constituem o instrumento de observação determinam o tipo de informação que obteremos e o uso que dela poderemos fazer na análise dos dados.” (p.185)

Referencial

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUD, Luc Van. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva Publicações, 2ª Edição, 1998.

Lista de figuras

Figura 1: Modelo de Pierre Bourdieu. Pag. 139

Figura 2: Sistema de relações. Pag. 141

Figura 3: Diferenças dos métodos. Pag. 144

Biografias

Disponível em:

<<http://www.herdereditorial.com/section/1103/>> acesso em 05 nov. 2012.

<http://fr.wikipedia.org/wiki/Luc_Van_Campenhoudt> acesso em 05 nov. 2012.